

As fotos da festa ficaram ótimas!

Check out the party pics!

FRANCISCO LUCIANO DA COSTA (XIKÃO XIKÃO)

Universidade de Brasília, UnB - Brasil

RESUMO

As Fotos Da Festa Ficaram Ótimas! é um ensaio verbo-visual, fragmentado em diálogos que ocorrem em uma festa fictícia da qual o leitor participa. O texto estabelece relações entre a prática artística, a ação de dar uma festa e a ação de cuidar. A partir dessas aproximações, são apresentadas obras recentes do autor Eco Faz Um Feat com Narciso / Live (2023) e Papéis de Inversão (2025) em diálogo com SuperFarm (2025) e Terapia Au-Au (2025), da artista Saeborg. Conceitos como corpo, coletividade, fantasia e absurdo atravessam a discussão.

PALAVRAS-CHAVE

Prática artística, performance, festa, cuidado, fantasia.

ABSTRACT

Check out the party pics! is a verbo-visual essay structured through dialogues that take place at a fictional party in which the reader participates. The text establishes connections between artistic practice, the act of throwing a party, and the act of caring. Through these associations, recent works by the author Eco Faz Um Feat com Narciso / Live (2023) and Papéis de Inversão (2025) are presented in dialogue with SuperFarm (2025) and Terapia Au-Au (2025) by the artist Saeborg. Concepts such as body, collectivity, fantasy, and absurdity permeate the discussion.

KEYWORDS

Artistic Practice, performance, party, care, fantasy.

1. Convite

 Te convido para celebrarmos juntos.
Vai ser em breve,
aqui,
no espaço destes caracteres. 
Amores, afetos e família são bem-vindos. 
 Favor confirmar presença.
Te aguardo. 

2. Conversa. (Três pessoas)

Minha prática artística é uma festa!

Recentemente, cheguei a essa conclusão. Pois acredito que a festa tem características que se assemelham ao meu modo de produzir arte.

A primeira característica é o corpo. Muitos dos meus trabalhos artísticos são atravessados pela corporeidade. Meu corpo sempre está lá, nas performances, foto-performances e/ou vídeo-performances. O corpo é ponto de partida.

Um dia, conversando meu amigo sobre as performances de Tunga, ele me indagou se eu não me interessava por criar performances nas quais outras pessoas as executassem. Eu fiquei atônito, por alguns instantes, pensando. Eu nunca havia cogitado não me envolver, corporalmente, com minha produção artística. Eu quero incorporar minhas ideias. Inventar minha imagem. Ser minha própria obra. Faço arte, pois quero criar mundos para habitá-los.

A segunda característica é a coletividade. Minha produção artística é também atravessada pela participação do público. Seja de maneira mais direta, cantarolando comigo, como acontece em Eco Faz Um Feat. Com Narciso (Live). Ou de maneira mais discreta, recebendo nudes instantâneas, como acontece em Manda Nudes. O público, quase sempre, se envolve com o processo criativo. Faço arte, pois quero criar mundos para habitá-los junto com as pessoas.

Acredito que uma festa tem motivações similares -ou, pelo menos, dar uma festa. Quando se organiza uma festa, é porque se deseja vivenciar aquilo com outras pessoas. As pessoas podem até não ir à sua festa, mas você as convida com a intenção de estar junto, corpo-a-corpo, inventando mundos.

E quem não vai, vê as fotos depois.

Assim como a produção artística. Quem não vai, vê os registros depois.

As fotos da festa ficaram ótimas!

3. Roda de conversa. (Cinco pessoas)

Então...

Eu estava contando para ela, da minha última residência artística...

Como eu estava falando, eu já estava produzindo esse trabalho, Eco Faz Um Feat. Com Narciso (Figura 1 e 2). A obra surgiu na pandemia, quando criei alguns textos bem-humorados que questionam nossa relação com as redes sociais - a busca por curtidas, o medo de ser cancelado, a superexposição do corpo. Tais textos foram, inicialmente, cantarolados em três vídeo-performances. Depois o conjunto se amplificou para dez cânticos e consequentemente dez vídeo-performances.

O título se deve às duas forças que impulsam as personas dos vídeos. Eco e Narciso. Eco se manifesta quando repito as palavras, em refrões insistentes, e Narciso, quando deslizo os dedos sobre a tela do celular, absorto no *feed*.



Figura 1 e 2. Xikão Xikão, Eco Faz Um Feat. Com Narciso. 2020- 2024. Imagens do artista

De volta a residência... desejei que o público participasse de alguma maneira da obra. Já que tais vivências – performar a própria vida nas redes sociais em busca de validação social ou consumir conteúdos escolhidos de acordo com interesses das *big techs* – fazem parte do nosso cotidiano. Logo pensei em criar um *karaokê* para que possamos cantarolar juntos os absurdos deste tecnofeudalismo que vivemos. E assim surgiu, a performance Eco Faz Um Feat. Com Narciso / Live (Figura 3 e 4), dando continuidade ao trabalho de nome similar.

O processo criativo começou com um microfone dourado que além do seu som distorcido e suas luzes coloridas, também era uma caixa de som *bluetooth*. Possibilitando, assim, reproduzir meus cânticos e cantar sobrepondo-os. Depois veio o segundo microfone roseado para que o público pudesse cantarolar comigo. Fazemos um *feat*.

Depois veio as parafernalias. Um *tablet* sincronizado aos dois microfones para reprodução dos cânticos. Um celular posicionado num tripé para transmitir uma *live* para as pessoas ausentes acompanharem pelo *Instagram*. E uma câmera que ocasionalmente realizou registros da ação. Telas sobre telas sobre telas comandadas por meu companheiro.



Figura 3 e 4. Xikão Xikão. Eco Faz Um Feat. Com Narciso / Live. 2023. Imagens do artista

A performance começa. Adentro o espaço usando óculos vermelho com lentes de coração e cantarolo sozinho o primeiro cântico. Depois, meu companheiro vestido de óculos de coração, desta vez rosa, assume o outro microfone e cantarolamos juntos. Na sequência, convoco as pessoas da plateia para viverem o absurdo comigo. Distribuo os textos impressos para que o público saiba as *lyrics*. Surgem os improvisos, os ruídos, os atrasos, os respiros, as ênfases - tudo isso faz parte da construção coletiva. As pessoas vão inventando as melodias e eu vou ecoando junto. No meio disso, rimos, afinal os textos são repletos de deboche e ironia.

Aos poucos, o público se envolve cada vez mais e mergulha no absurdo da obra. Os *feats* vão se tornando coros. Os microfones se tornaram dispensáveis, pois no último cântico, todo mundo estava cantarolando junto. Todo mundo estava vivenciando a fantasia.

Naquele dia, eu criei um mundo e todos o habitaram

4. Conversa. (2 pessoas)

Amigo, já te contei, né?!

Agora, sou cuidador.

Vou te explicar melhor.

Nos últimos anos, fui atravessado pelo envelhecimento da minha mãe. De repente, surgiram necessidades que antes não existiam. Atravessar a rua, calçar os sapatos, cozinhar, cuidar da casa, ouvir, consolar, estar presente. Cada vez mais os papéis se invertiam e eu passei a cuidar da minha própria mãe. Ser mãe da minha mãe. E em algum momento da vida, todo mundo pode passar por isso. Ser cuidado na infância para depois cuidar de quem nos cuidou. Cuidar e ser cuidado tem me atravessado com força.

Nesta ocasião produzi alguns textos e desenhos. Mais especificamente, dez desenhos e nove textos, feitos entre maio e novembro de 2025. Atribuí o nome ao trabalho, por enquanto, de “Papéis de Inversão” (Figura 5, 6 e 7). Neles, em um tom confessional, compartilhei as dores, as raivas, os vazios e as belezas que existem na missão de cuidar de alguém.



NINGUÉM QUER A TAREFA DO CUIDAR.
CUIDAR, CONTINUA SENDO UM DOS TRABALHOS
MAIS DESVALORIZADOS NA NOSSA SOCIEDADE.

APRIMORADO QUE, HAVENDO OPORTUNIDADE,
DELEGAMOS A OUTRAS PESSOAS:

CUIDADORES, ENFERMEIRAS,
BABÁS, PROFESSORES...

CUIDAR NOS FAZ LEMBRAR,
A CONTRA GOSTO,
QUE OS NOSSOS PROBLEMAS SE RESOLVEM
NA COLETIVIDADE.

QUE OS INDIVÍDUOS
SÓ TRIUMFARÃO SE ELES SE CUIDAREM.
QUEM VAI CUIDAR DE VOCÊ?
E DE QUEM VOCÊ IRÁ CUIDAR?

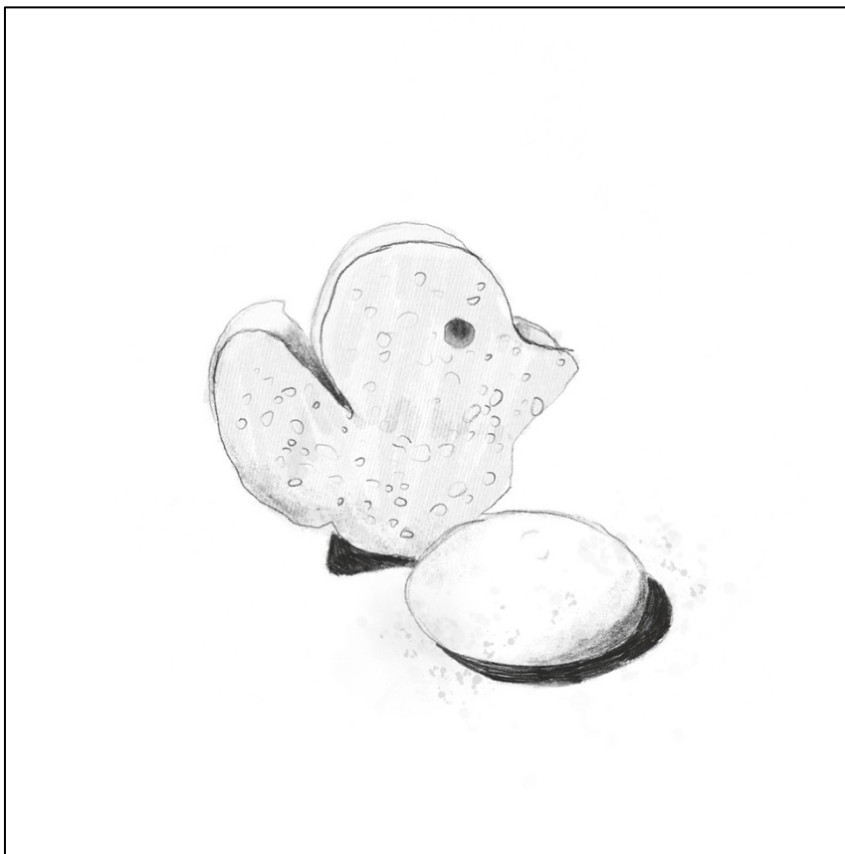


Figura 5, 6 e 7. Xikão Xikão. Papéis de Inversão, 2025. Imagens do artista

Para além dos desafios que surgem no cotidiano de um cuidador, esta obra é um convite a pensar o cuidado numa escala coletiva. Afinal, em um mundo atravessado por uma lógica individualista, competitiva e utilitarista, agir com cuidado, empatia e envolvimento é um ato disruptivo. Quem vai cuidar de você? e E de quem você irá cuidar? está escrito em uma das partes da obra. Pois cada vez fica mais claro que só construiremos um futuro se cuidarmos uns dos outros.

Enfim amigo, muitas questões...

suspiro

Escuta,

Está tocando Björk.

5. Música. (Fim da Festa)

Divididos em muitas partes.

Feixes luminosos salpicados em prismas.

Que se reunirão

Se você se importar comigo.

E então eu vou me importar com você.

(BJÖRK. The Gate. Utopia. Islândia. 2017. tradução nossa) ¹

6. Conversa no banco de trás do Uber. (Duas pessoas)

Sabe amiga,

Estava pensando em tudo que a galera falou na festa. Da prática artística como festa, como cuidado...

E lembrei do trabalho de uma artista japonesa, Saeborg. Você Conhece?

Ela é conhecida por produzir fantasias e cenários infláveis, de látex. Essas fantasias e cenários compõem performances-instalações que são ativadas pelo público.

Ano passado, tive contato com a obra dela, em São Paulo, onde realizou duas ações: SuperFarm e Terapia Au-Au.

SuperFarm (Figura 8 e 9) é uma fazenda, com cenário e personagens de látex, feitos pela própria artista. Porcos, ovelhas, vacas e galinhas convidam o público a pensar a coexistência entre espécies e a relação entre vida, cuidado e consumo. A obra foi apresentada em novembro de 2025, no Sesc Consolação.

Ao chegar, somos convidados a vestir acessórios animais, feitos de tecido - orelhas de porco, crina de galos, patas de vaca. Logo depois adentramos um cenário todo feito de infláveis. A performance inicia com vários porcos-bebês, nascendo de uma grande porca inflável. Trata-se de atores/atrizes/*performers* vestidos com fantasias de látex. Assim acontece com os demais personagens da trama. Após o nascimento, somos convidados a acariciar, dar mamadeira e brincar com os porquinhos. Gradualmente, os outros personagens são introduzidos - a vaca, a porca, a galinha e a ovelha. Por fim surge a antagonista, a fazendeira. Uma cena se desenrola na qual a fazendeira extrai as peles, os líquidos e as carnes dos animais. Com a ajuda do público, a mosca lança excrementos infláveis na fazendeira para salvar os animais da exploração humana. Por fim, todos se reúnem em uma grande roda e cantam, dançam e fazem selfies com o público.

¹ No original: Split into many parts. Splattered light beams into prisms. That will reunite. If you. Care for me. And then I'll care for you. (BJÖRK. The Gate. Utopia. Islândia. 2017)

SuperFarm é uma obra totalmente interativa. Embora exista uma narrativa que norteia a experiência, a obra não existe sem a participação do público. É preciso vestir os acessórios animais, dar mamadeira aos porquinhos, lançar excrementos com a mosca, dançar e cantar com os animais para que a narrativa se desenrole. Não entrar na fantasia, torna a experiência insuportável. É preciso se render ao ridículo e ao absurdo. Talvez por isso as crianças gostem tanto da obra. Sem contar que é preciso assumir este pacto do absurdo, coletivamente. Pois, para além de interagir com os personagens, se torna essencial interagir com as outras pessoas da audiência – fazer rodas, lançar infláveis etc. E nessas interações vamos questionando nossas relações com as vidas não-humanas atravessadas pelo consumo e pelo descarte. O lúdico nos leva a questionar nossa realidade. Assim como Eco Faz Um Feat. Com Narciso/ Live, SuperFarm é uma festa que nos faz questionar. A prática artística como festa.



Figura 8 e 9. SuperFarm. Saeborg. Vista da ação ocorrida no Sesc Consolação, 2025, São Paulo SP. 2025. Fonte do autor.

Já Terapia Au-Au (Figura 10 e 11) é uma oficina/performance na qual três atores/atrizes/*performers* se vestem de cachorros infláveis e interagem com o público, numa espécie de terapia não-verbal.

Ao chegar, também somos convidados a vestir acessórios feitos de tecido - orelhas de porco, patas de vaca, antenas de mosca. Então somos divididos em três grupos e orientados a sentar num colchonete inflável. A partir daquele momento, devemos assumir uma persona animal e comunicarmos apenas com sons animais. Saeborg entra, com orelhas de cachorro e emite latidos no microfone. A intérprete ao lado, traduz a proposta ao público. Devemos dar suporte emocional aos cães de látex, os Sae-Cães.

Os três Sae-Cães entram o espaço e cada um se direciona para um dos grupos. Somos convidados a trocar confidências com os cães, sem usar palavras. Também podemos acariciar, abraçar e tocar os personagens infláveis. Também somos incentivados a interagir com as outras perosna-animais do nosso grupo. É numa espécie de terapia coletiva não-verbal, vamos cuidando dos cãezinhos, cuidando uns dos outros. O cuidado antes da linguagem. Tudo isso dura por volta de 20-30 minutos. Pois depois os Sae-Cães trocam de lugar e passamos a cuidar de outro cão. Até que todos sejam cuidados.



Figura 10 e 11. Terapia Au-Au. Saeborg. Vista da ação ocorrida no Sesc Consolação, 2025, São Paulo SP. 2025. Fonte do autor.

Novamente, é fundamental a interação do público. Aqui, ainda mais, pois, diferente do SuperFarm, não há enredo. É uma imersão na fantasia. Em Terapia Au-Au é preciso abrir mão da humanidade e abrir mão da linguagem para inventar outras formas de comunicar. Aos poucos, vamos nos envolvendo cada vez com a proposta e seu absurdo. Carícias, abraços, sons – o corpo vai se entregando aos afetos. A obra nos faz reaprender a cuidar e ser cuidado. Afinal, é muito importante encontrar formas coletivas eco-humanas de cuidado. A prática artística como cuidado.

Ih, chegou no meu destino.

Moço, ela vai continuar tá?!

Se cuida hein, amiga.

Melhor,

Nos cuidemos.

7. Conversa. (Uma pessoa) (Deitado na Cama)

Hoje me lembrei de Pongo (Figura 12).

Pongo era um inflável em formato de cachorro que eu tinha quando criança. Em todas as viagens para a praia, ele estava lá.

Primeiro era preciso dar vida a ele, o que significava que algum adulto precisava soprá-lo, por horas. Depois, me sentava, me deitava, me agarrava, flutuava em Pongo. No mar, na areia, no quintal de casa.

Eu tinha medo de que as ondas mais fortes do mar ou alguma farpa pontuda pusessem fim ao meu companheiro.

Ao fim da viagem, o cão-panheiro era esvaziado. Tudo era um pacto, que se renovava a cada férias - de acreditar na fantasia, de viver o absurdo, de acolher outras existências.



Figura 12. Fotografia de infância. 1998 (aproximadamente). Fonte do autor.

Referências

BJÖRK. The Gate. In: **Utopia**. Islândia, 2017. Arquivo digital. Disponível em: UCFbRdRGijPR4oBjQ0fVCSmw.

DEBORD, G. **A sociedade do Espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.

DEWEY, John. **A arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Coleção Todas as Artes).

HAN, BYUNG-CHUL. **No Enxame: Perspectivas do Digital**. Tradução Lucas Machado. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

SIBILIA, PAULA. **O Show do Eu: A Intimidade como Espetáculo**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2016.

Sobre o autor

Francisco Luciano da Costa (Xikão Xikão). Denomino-me artista visual e pesquisador. Sou mestre pelo Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB). Também graduei-me em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2014. Durante o bacharelado, realizei um intercâmbio acadêmico na cidade de Medellín, na Colômbia. Como artista, já realizei 4 exposições individuais e mais de 30 exposições coletivas. Dentre as individuais se destacam: Selfie Service no Memorial Minas Gerais Vale, em Belo Horizonte e Copy of a Copy na Galeria de Arte Nello Nuno (FAOP) em Ouro Preto. Já entre as coletivas destacam-se: Arte Londrina 7 (Divisão de Artes Plásticas da UEL, Londrina -PR), Abre Alas 15 (Galeria A Gentil Carioca, Rio de Janeiro), 10º Salão dos Artistas Sem Galeria (Galeria Zipper, Galeria Sancovsky e Galeria Orlando Lemos, São Paulo e Belo Horizonte), VIII Salão de Itabirito (MMGerda, FAOP e Casa de Cultura Maestro Dungas / Itabirito, Ouro Preto e Belo Horizonte), no qual recebi menção honrosa. Enquanto artista, sempre me interessei pelas questões relativas à identidade e a minha busca consiste em esgotar as possibilidades da autorrepresentação. Atualmente me dedico a compreender como o corpo se apresenta no ciberespaço. Sendo que nos últimos sete anos (2016-2022) mergulhei no universo da *selfie*, do *nude* e dos *vlogs*. E nesse universo temático, busco questionar as relações que estabelecemos e as narrativas que criamos com essas autoimagens. Além de me interessar pelas dinâmicas e problemáticas das redes sociais. Para alcançar essas discussões, utilizo de diversas linguagens artísticas, que se mesclam entre si. Fotografia, performance, vídeo, instalação e desenho. Atendo pelo nome artístico Xikão Xikão.

<http://xikaoxikao.com/>

paraxikaoxikao@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2289392566554646>

<https://orcid.org/0009-0009-6225-9310>

Nota editorial: Esta autoria é uma contribuição convidada. Em conformidade com a política editorial da revista, foi avaliado e aprovado pelos editores, sem submissão ao processo regular de revisão por pares.

Como citar

COSTA, Francisco Luciano da (Xikão Xikão). As fotos da festa ficaram ótimas!. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 7 n. 1, p.382 – 395, jan. – jul. 2026. <https://doi.org/10.14393/EdA-v7-n1-2026-81591>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.